



**FACULDADE DE EDUCAÇÃO E MEIO AMBIENTE**

**KELLY SANDOLI BIAZON ZACARDI**

**A UTILIZAÇÃO DO MATERIAL LÚDICO NA  
PSICOTERAPIA INFANTIL**

ARIQUEMES - RO  
2013

**Kelly Sandoli Biazon Zacardi**

**A UTILIZAÇÃO DO MATERIAL LÚDICO NA  
PSICOTERAPIA INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Graduação em  
Psicologia da Faculdade de Educação e  
Meio Ambiente – FAEMA, como requisito  
parcial à obtenção do grau de Bacharel  
em Psicologia.

Orientador: Prof. Mestre Rodrigo Nunes  
Xavier

Ariquemes – RO  
2013

KELLY SANDOLI BIAZON

## **A UTILIZAÇÃO DO MATERIAL LÚDICO NA PSICOTERAPIA INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Graduação  
em Psicologia da Faculdade de  
Educação e Meio Ambiente – FAEMA,  
como requisito parcial à obtenção do  
grau de Bacharel em Psicologia.

### **COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Prof. Mestre Rodrigo Nunes Xavier  
Faculdade de Meio Ambiente FAEMA

---

Prof(a) Mestre Carla Patrícia Rambo  
Faculdade de Meio Ambiente FAEMA

---

Prof. Rodrigo Madeira  
Faculdades Associadas de Ariquemes FAAr

Ariquemes, 26 de novembro de 2013.

Aos meus pais, pela minha vida.

Ao minha filha, por existir.

Ao meu esposo, pelo incentivo.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao meu Professor Orientador Mestre Rodrigo Nunes Xavier, por acreditar em mim, pela paciência, pelas horas de dedicação, me orientando incansavelmente até mesmo aos domingos. Esse só se tornou possível com a sua ajuda. Te admiro cada dia mais.

A minha filha Manuella, que me acompanhou nessa jornada desde os três meses de idade, me acompanhando durante as supervisões e, de alguma forma, compreendendo minha ausência.

Ao meu Marido Adriano que me incentivou, apoiou, cuidou da nossa bonequinha preciosa para que eu conseguisse concluir o curso e esse trabalho, não medindo esforços para me ajudar. Sem você não teria chegado até aqui, obrigado por ter estado sempre ao meu lado me ajudando assim a concluir o curso e esse trabalho.

A minha família, que mesmo a distância me deu forças para que eu concluísse esse trabalho. Em especial minha Karida.

Aos amigos e colegas, que de alguma forma me ajudaram nesta jornada e não me abandonaram mesmos nos momentos de angustia.

A minhas amigas Aline e Elizangela que estiveram comigo durante todos estes anos de graduação me apoiando e me incentivando nos momentos mais complicados.

Aos professores, colegas e coordenador de Curso, pois juntos todos fizeram parte desta importante etapa da minha vida. Inclusive os colegas que por motivos maiores deixaram de concluir o curso.

## RESUMO

Os materiais lúdicos têm sido apontados como instrumentos fundamentais para a psicoterapia infantil e tendo em vista sua variedade surge a necessidade de se verificar quais deles são mais adequados a determinadas queixas, idade e sexo do paciente. De encontro a tal necessidade foi realizada uma pesquisa bibliográfica em que se analisou a descrição da utilização dos materiais em publicações periódicas brasileiras sobre psicoterapia e terapia infantil. Observou-se haver um consenso favorável à utilização dos materiais lúdicos, porém poucos autores relataram quais materiais foram utilizados e, menos ainda, o objetivo para sua utilização. Os estudos que apresentaram uma descrição envolvendo idade, sexo, queixa, material e objetivos foram sintetizados para finalidades clínicas e de formação de novos psicoterapeutas.

**Palavras-chave:** Psicoterapia infantil. Terapia comportamental infantil. Materiais lúdicos

## **ABSTRACT**

Playing materials have been identified as essential tools in child psychotherapy and taking its variety into account brings a need to check which of them are best suited to certain complaints, age and sex of the patient. Meeting this need a bibliographic research was conducted which analyzed the description of the use of these playing materials in Brazilian journals on psychotherapy and child therapy. There is a consensus in favor of using playing materials, but few authors have reported what materials were used and, even less, the goal for using it. The few studies that presented a description involving age, sex, complaint, material and objectives were synthesized for clinical and training of new therapists purposes.

**Keywords:** Child psychotherapy. Behavioral therapy for children. Playing materials

## LISTA DE FIGURAS

- Figura1 - Quadro de atividades lúdicas, contendo sua descrição e os comportamentos a serem enfraquecidos e fortalecidos de acordo com os objetivos das sessões. .... 15
- Figura 2 - Distribuição dos artigos brasileiros sobre psicoterapia e terapia infantil de acordo com a forma de relatar a utilização de materiais lúdicos .....26
- Figura 3 - Referência dos artigos e a relação entre o perfil do paciente, os materiais lúdicos e seus respectivos objetivos. ....34



## LISTA DE TABELAS

|   |    |
|---|----|
| Tabela 1 – Bases de dados e indexadores para cada trabalho do presente banco de dados ..... | 22 |
|---|----|

## SUMÁRIO

|  |           |
|--|-----------|
| <b>1 INTRODUÇÃO</b> .....                              | <b>11</b> |
| <b>2 OBJETIVOS</b> .....                               | <b>19</b> |
| 2.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....                         | 19        |
| <b>3 MÉTODO</b> .....                                  | <b>20</b> |
| <b>4 RESULTADOS</b> .....                              | <b>22</b> |
| 4.1 SEM BRINQUEDOS.....                                | 26        |
| 4.2 RECOMENDA, MAS NÃO UTILIZA.....                    | 27        |
| 4.3 NÃO PSICOLÓGICO.....                               | 29        |
| 4.4 COM BRINQUEDOS, MAS SEM OBJETIVOS.....             | 30        |
| 4.5 COM BRINQUEDOS E COM OBJETIVOS INESPECÍFICOS ..... | 30        |
| 4.6 COM BRINQUEDOS E COM OBJETIVOS ESPECIFICADOS.....  | 31        |
| <b>5 DISCUSSÃO</b> .....                               | <b>35</b> |
| <b>CONCLUSÃO</b> .....                                 | <b>39</b> |
| <b>REFERÊNCIAS</b> .....                               | <b>40</b> |

## INTRODUÇÃO

Dada a importância da utilização dos materiais lúdicos na psicoterapia infantil, o presente trabalho teve como objetivo verificar como os psicoterapeutas brasileiros fazem uso destes materiais para obter sucesso no tratamento de seus pacientes. Uma vez que parece existir um consenso quanto à importância da utilização destes materiais, faz sentido buscar por estudos empíricos que demonstrem tal utilização e sua eficácia. Dessa forma, uma descrição completa poderia ser útil, apontando materiais lúdicos utilizados em psicoterapias infantis bem sucedidas, bem como o perfil do paciente – queixa psicológica, idade e sexo.

Psicoterapia infantil são atendimentos psicológicos realizados com crianças. Geralmente as crianças são levadas pelos responsáveis para atendimento psicológico porque, segundo eles, tais crianças apresentam comportamento considerado inadequado e buscam na psicoterapia uma ajuda para solucionar estes problemas (PREBIANCHI, 2011).

Deakin e Nunes (2008) definem a psicoterapia infantil como intervenções realizadas com crianças em que o psicólogo tem como objetivo trabalhar problemas que estão causando alguma ameaça ao bem estar emocional das crianças. Por meio da psicoterapia infantil as crianças aprendem a desenvolver métodos alternativos adaptativos para enfrentar estas dificuldades.

O primeiro trabalho com criança que se tem conhecimento foi realizado por Freud em 1909 (FREUD, 1996). A partir do relato das observações dos pais de Rans, um menino com quase três anos, Freud obteve conhecimento do caso e então realizou análises com o objetivo de verificar impulsos e desejos sexuais na criança – tendo em vista a prática do atendimento de adultos em que se constroem hipóteses sobre a sexualidade infantil. No entanto, segundo Affonso (2012) e Klein (1980), Hermine Von Hug-Hellmuth foi a primeira pessoa ser considerada uma psicanalista infantil, tendo publicado seu primeiro artigo sobre a psicanálise infantil em 1913. Mas quem impulsionou fortemente a psicoterapia com crianças foi Melanie Klein, principalmente quando iniciou a utilização dos brinquedos na psicoterapia (KLEIN; HEIMANN; MONEY-KYRLE, 1980).

A literatura mostra que Melanie Klein foi a primeira a desenvolver uma técnica psicanalítica específica utilizando brinquedos (AFFONSO, 2012; KLEIN, 1980).

Segundo Klein, a psicanálise da criança envolve compreender e interpretar as fantasias, as ansiedades e as experiências expressas no brincar ou o porquê da inibição deste brincar, se as atividades lúdicas estiverem inibidas.

Segundo Affonso (2012), Ana Freud também foi uma das pioneiras com relação à psicoterapia infantil e uma síntese do seu trabalho se encontra em sua obra publicada em 1927, denominada *O tratamento psicanalítico de crianças*. Segundo ela, Ana Freud acreditava que por meio do brinquedo a criança se expressava e elaborava sua angústia, assim como Melanie Klein, porém existiam algumas diferenças entre o trabalho delas.

Outra psicanalista dedicada ao trabalho com crianças, Aberastury (1992), acredita que enquanto os adultos usam as palavras para se expressarem, as crianças se expressam através das atividades lúdicas. A autora acredita que a criança tem suas brincadeiras preferidas de acordo com fase do seu desenvolvimento. Devido a isso, é importante conhecer qual fase a criança está, para então saber quais são os recursos lúdicos apropriados para determinada idade da criança.

Watson e Rayner, segundo Bisaccioni e Carvalho (2010), realizaram o primeiro trabalho de abordagem behaviorista com uma criança, no caso conhecido como o pequeno Albert. O trabalho tinha como finalidade testar se as emoções poderiam ser adquiridas por experiência ou não. Entre 1950 e 1960 surgiu um primeiro modelo psicoterápico infantil em que os trabalhos eram desenvolvidos apenas com os pais. Eram realizados aconselhamento aos pais para que eles, baseados nessas orientações, trabalhassem a queixa trazida. As crianças não participavam ativamente do tratamento, seus relatos verbais não eram levados em consideração e nem seus comportamentos encobertos. Sabe-se que hoje é importante para o processo psicoterápico saber como os eventos privados exercem influência no comportamento da criança (CONTE; REGRA, 2012).

Por volta de 1960, o comportamento da criança começa a ser analisado e, portanto, considerado relevante no processo psicoterápico (GADELHA; MENEZES, 2004). As crianças, então, começaram a participar das sessões e o terapeuta passou a levar em consideração o seu relato verbal, dando-lhe a mesma importância dada na terapia comportamental do adulto, ajudando a criança a entender a relação entre sua resposta (privada ou pública) e os eventos ambientais. Pelo relato dos comportamentos encobertos da criança consegue-se identificar vários fatores

importantes que afetaram o comportamento no passado e que afetam o comportamento atual.

Na psicoterapia comportamental infantil, a utilização dos materiais lúdicos se iniciou em meados de 1980, quando se começou analisar o brincar, sendo o termo ludoterapia comportamental infantil utilizado pela primeira vez por Gomes em 1998. Devido à dificuldade da criança em realizar relatos verbais, os terapeutas infantis vivem em constante busca de meios alternativos para obter informações sobre as variáveis que controlam as contingências do comportamento das crianças (GADELHA; MENEZES, 2004).

Um desses meios alternativos é a utilização dos materiais lúdicos nas intervenções, facilitando a comunicação entre a criança e o psicoterapeuta. Além disso, foi um dos meios encontrado para facilitar a forma de entender os eventos privados das crianças, porque somente os relatos verbais não são suficientes, valorizando então a importância da comunicação alternativa à verbal (CONTE; REGRA, 2012).

O material lúdico, além de ser um meio de expressão para as crianças, quando é utilizado adequadamente pelo psicoterapeuta pode ser uma forma de ensiná-las a se comportar de forma adequada frente a determinadas situações (GADELHA; MENEZES, 2004). Além disso, o brincar é considerado uma condição para o desenvolvimento social, emocional e intelectual da criança (FIGUEIRÓ, 2012). A brincadeira faz parte do desenvolvimento físico, cognitivo e emocional da criança. É pela brincadeira que ela desenvolve habilidades de concentração, expressão, criatividade e enriquece seu relacionamento tanto com os adultos como com as outras crianças. E pela brincadeira que ela aprende a compartilhar, respeitar os direitos e as normas estabelecidas pela sociedade e pelo grupo que convive (FIGUEIRÓ, 2012).

Com a brincadeira, a criança analisa seu próprio comportamento e pode então alterá-lo, pois durante a fantasia e a brincadeira a criança pode encontrar alternativas para o comportamento considerado inadequado (GUERRILHAS; BUENO; SILVARES, 2000 apud GADELHA; MENEZES, 2004).

Segundo Silveira e Silves (2003) o brincar e o jogar são de grande interesse clínico, visto que esses dois fatores contribuem para o aprendizado do comportamento das crianças. É pela utilização dos materiais lúdicos que os psicoterapeutas conseguem estabelecer uma aliança terapêutica com a criança. A

aliança terapêutica no processo psicoterápico infantil é considerada importante, pois tal processo pode ser comprometido quando o terapeuta não tem domínio sobre o repertório lúdico (DIGIUSEPPE; LINSKOTT; JILTON, 1996 apud SILVEIRA; SILVARES, 2003).

Utilizando-se do lúdico, é possível identificar os antecedentes e as consequências dos comportamentos da criança e levantar possíveis funções tanto do comportamento quanto dos estímulos. Também possibilita identificar se o comportamento pode ou não estar sensível às contingências, especificar em que situações o comportamento ocorre e favorecer o manejo do ambiente para enfraquecer comportamentos problemas e fortalecer comportamentos desejáveis (CONTE; REGRA, 2012).

É considerado material lúdico tudo o que a criança utiliza para brincar. Na psicoterapia infantil o lúdico envolve qualquer estratégia em que se utilize jogos, brinquedos, desenhos, livros de história ou qualquer objeto que a criança utilize para brincar e se expressar, facilitando a participação da criança na sessão (GADELHA; MENEZES, 2004).

Gadelha e Menezes (2004) fizeram um relato dos materiais lúdicos utilizados por elas durante suas práticas clínicas e que surtiram os efeitos esperados de acordo com o objetivo que se pretendia alcançar. Por exemplo, no intuito de favorecer um bom vínculo com a criança, visto que não se consegue realizar nenhum trabalho antes de se conseguir esse vínculo, foram utilizados brinquedos como Cai-não-não®, Cara maluca®, 60 segundos®, Gugu equilibrista® e Quebragelo®. Vale destacar que os materiais lúdicos devem ser reforçadores para criança.

Segundo Regra (2001) apud Gadelha e Menezes (2004), para identificar os conceitos e as regras que governam os comportamentos das crianças, deve-se trabalhar com desenho livre ou com história e colagens. Depois de realizado o desenho, deve-se pedir para a criança fazer um relato verbal da história do seu desenho.

Uma forma de solucionar problemas de habilidades específicas, como por exemplo, dificuldade em matemática, seria escolher jogos psicopedagógicos, com objetivos específicos como, por exemplo, Conta Certo® para desenvolver a habilidade em matemática (GADELHA; MENEZES, 2004).

Gadelha e Menezes (2004) relataram também que os trabalhos manuais com argila, dobraduras ou o preparo de alimento pode ser bastante reforçador para as

crianças, fortalecendo o sentimento de autoconfiança. A massinha de modelar também pode ser utilizada, segundo as autoras, como atividade de relaxamento.

Silveira e Silveiras (2003) realizaram um estudo com o objetivo de avaliar um programa de treinamento de habilidades elementares de terapeuta comportamental infantil, em especial a condução de atividades lúdicas. As atividades foram realizadas com estudantes do terceiro período de psicologia, os treinamentos dos acadêmicos duraram seis semanas, contendo 120 minutos cada sessão no total foram realizadas 12 sessões. As aplicações das atividades lúdicas foram realizadas de acordo com os objetivos do terapeuta de fortalecer ou enfraquecer determinadas classes de resposta da criança, conforme pode ser observado no quadro seguinte contendo as atividades realizadas no programa de treinamento e os objetivos que se pretendiam alcançar. As autoras deixam claro neste estudo que é importante que os terapeutas tenham domínio na condução de atividades lúdicas, sendo, portanto importante o treinamento da utilização destas atividades.

| <b>ATIVIDADE</b>                                | <b>DESCRIÇÃO</b>  | <b>COMPORTAMENTOS A ENFRAQUECER</b>  |
|---|---|--|
| Colagem livre                                   | Folheiam-se revistas e as figuras atrativas por suas características positivas e negativas são recortadas e coladas em um cartaz, que é comentado.  | Fuga/esquiva de verbalizações sobre estímulos reforçadores e aversivos.  |
| Colagem temática                                | Define-se um tema como a família ou a escola e as figuras destacadas das revistas deverão relacionar-se a ele. As figuras comporão um cartaz que é discutido.   | Fuga/esquiva de verbalizações sobre o tema.  |
| Argila, massinha de modelar ou massinha caseira | Esses materiais podem ser sentidos com os olhos fechados e muitas formas e movimentos podem ser dados a eles. A experiência sensorial pode ser explorada e a forma da escultura pode dar origem a mais investigações sobre a vida da criança. A massa de farinha caseira pode ser feita na própria sessão com a ajuda de uma receita. | Fuga/esquiva de sujar-se; de bagunçar as coisas; de errar (porque esses materiais permitem correção) ou de ser desaprovado. Dispersar-se da atividade e da conversa. |
| Confecção de painéis                            | Painéis são compostos (com desenhos e palavras) em papel manilha ou cartolinas organizando eventos, sequências comportamentais ou estímulos antecedentes e consequências de uma resposta.   | Fuga/esquiva de verbalizações relacionadas ao tema. Direção da atenção a estímulos diferentes dos que constam no painel  |
| Confecções de cartões com mensagens             | Em datas comemorativas ou quaisquer ocasiões, cartões podem ser confeccionados, expressando sentimentos a pessoas significativas. As consequências sociais da expressão de  | Birra e agressividade estreitamente relacionadas com a privação de atenção e carinho geralmente relacionadas com sentimentos   |

|   |   |  |
|---|---|--|
| Desenhos, produções<br>peças artesanais,<br>preparação de<br>alimentos e<br>papiroflex.   | sentimentos de aproximação podem ser descritas.<br>Peças artesanais, desenhos, alimentos ou dobraduras podem ser produzidos com a orientação do terapeuta ou da própria criança que, eventualmente, ensina ao terapeuta o que aprendeu fazer em outros contextos. Foram produzidas, por exemplo, peças em biscoito, flores com fitas de tecido e dobraduras em papel.   | de baixa autoestima.<br>Dependência de outros, geralmente acompanhados de sentimentos de baixa confiança.  |
| Bonecos e fantoches   | Bonecos e fantoches podem ser personagens que ganham falas e ações em uma história construída pela criança.   | Agitação relacionada à ansiedade no contexto clínico.<br>Fuga e esquiva de falar de interações interpessoais aversivas.  |
| Contorno do corpo no papel  | A criança deita-se sobre um papel manilha estendido no chão e o terapeuta delinea o corpo com pincel atômico. O contorno no papel é observado e comentado e a criança pode complementar o desenho, conforme os interesses do caso. Uma criança com encoprese, por exemplo, pode desenhar o aparelho digestivo nos locais correspondentes, com ajuda do terapeuta.   | Fuga/esquiva de falar sobre os frequentes acidentes na eliminação de fezes e urina, em casos de enurese e encoprese. Sentimentos de descontrole, de culpa e de vergonha pelos acidentes que ocorrem com crianças com transtorno de eliminação. |
| Rondas, canções infantis e parlendas (as programações consistiam simplesmente em deixar que a criança ensinasse para os estudantes) | De acordo com Freseler (1997), denomina-se ronda a brincadeira de roda com música e coreografia. As parlendas são rimas infantis que divertem, ajudam a memorizar, a escolher quem começa a brincadeira e podem exercitar a dicção correta das palavras. Por exemplo, os conhecidos versos “um, dois – feijão com arroz...” ou para escolher quem começa a brincadeira - “mamãe mandou eu bater nesse daqui...” | Sentimentos de ansiedade tédia e baixa autoconfiança.  |
| Jogos de mesa (foram evitados na programação, mas usados ocasionalmente nas sessões)  | São jogos que requerem tabuleiro ou mesa, como por exemplo, o ludo, as damas, o dominó, o pega-varetas (mikato).  | Nesse estudo foram usados somente para concorrer com preocupação, ansiedade e tristeza, mas podem concorrer também com o comportamento de descumprir regras.   |
| Jogos de observação   | Conforme a observação de Allué (1998) são jogos que instigam a capacidade de observação e a atenção. São jogos que propõem perguntas como “Onde está escondido?” Ou “o que estou vendo?”.   | Direção da atenção para objetos ou outros aspectos que não estejam diretamente relacionados ao terapeuta.<br>Fuga/esquiva da interação direta com o terapeuta (olhar nos olhos dirigir-se a ele etc.).   |
| Jogos com lápis e papel   | São jogos que requerem lápis e papel. As crianças com idade escolar frequentemente propuseram nesse estudo o jogo do “Enforcado”, o “Stop” e o jogo da velha.   | Fuga/esquiva do contexto escolar.  |
| Jogos de expressões ou dramáticos e pantomimas  | Jogos de mímicas em geral.<br>Eventualmente envolvem imitações, que podem ser, por exemplo, de animais ou   | Sentir-se entediado ou triste.<br>Fuga/esquiva de contato com o terapeuta.   |



|   |
|---|
| <p>de profissionais para que o outro adivinhe. Há variações como imitar, por exemplo, um animal com objetivo de provocar riso no outro, que deverá evitar o riso.</p> |
|---|

Fonte: (adaptado de SILVEIRA; SILVARES, 2003, pp. 264-266)

Figura 1 - Quadro de atividades lúdicas, contendo sua descrição e os comportamentos a serem enfraquecidos e fortalecidos de acordo com os objetivos das sessões.

Foi encontrado também na literatura o trabalho de Aberastury (1992), a autora relata que a criança apresenta fases de desenvolvimento relacionadas ao brincar. As fases de atividade lúdica se iniciam por volta dos quatro meses, quando começa a se esconder nas cobertas, sendo isso uma forma de brincar, segundo ela isso é uma forma da criança simbolizar a angústia de se desligar de algo que se perde. O mesmo ocorreria com quatro e seis meses de idade, quando elas passam tempo reconhecendo e afastando-se de objetos considerados lúdicos.

Dos oito meses a um ano aparecem os tambores, os globos e as bolas como brinquedos prediletos que simbolizam o ventre fecundo. A partir dos dois anos a criança começa a se interessar por recipientes que utiliza para derramar substâncias de um lugar para outro, segundo a autora isso significa a necessidade de controlar os esfíncteres. Em torno dos três anos, as locomotivas são a paixão dos meninos e das meninas, a imagem também aparece como lúdica, porque as crianças muitas vezes pedem que se repitam as histórias e folheiam os mesmos livros várias e várias vezes (ABERASTURY, 1992).

De acordo com Aberastury (1992), as meninas, após os cinco anos, preferem brinquedos mais tranquilos, como as bonecas. Entretanto, os meninos gostam de brincadeiras de conquistas, mistérios e ação, como pistolas, revólveres e fantasias de bandido etc. Quando as crianças começam a frequentar as escolas, entram como predileção delas jogos que requerem aptidões intelectuais e a sorte, como jogos de corridas, dominó, banco imobiliário, jogos de cartas, sendo para eles uma simbolização de manejo de suas forças tentando se adaptar no mundo.

Na visão de Aberastury (1992), o jogo das três pedras, simboliza a competição entre irmãos que lutam para conseguir a relação igual diante dos pais. O banco imobiliário significa a maneira como se vê o dinheiro no mundo atual e revela

a personalidade do jogador, no caso a criança. De acordo com a autora, o jogo da dama e do xadrez onde, quem vence é quem tem maior habilidade para conseguir trabalhar com as regras, a criança inconscientemente está enfrentando seus pais.

A maioria desta literatura cita a importância da utilização dos materiais lúdicos e também relata a utilização dos materiais, entretanto, falha em apontar a eficácia da utilização destes materiais durante o processo psicoterápico. Por exemplo, no estudo de Silveira e Silvaes (2003), que realizou um levantamento dos materiais utilizados, o objetivo foi desenvolver habilidades em psicoterapeutas, no entanto, não foi demonstrado se estes materiais foram eficazes para o tratamento dos pacientes. Da mesma forma, Aberastury (1992) relata quais materiais lúdicos são mais adequados para determinada idade, porém ela não apresenta os resultados terapêuticos do seguimento de sua teoria.

Dessa forma, faz-se necessário saber como ocorre, em psicoterapias infantis brasileiras bem sucedidas, a utilização dos materiais lúdicos por parte do terapeuta para com seu paciente. Sendo assim, a proposta deste trabalho é reunir informações para se averiguar como é feita a utilização dos materiais lúdicos pelos psicoterapeutas.

## 2 OBJETIVOS

Verificar como os psicoterapeutas brasileiros utilizam os materiais lúdicos nas sessões de psicoterapia infantil.

### 2.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar artigos sobre psicoterapia e terapia comportamental infantil.
- Analisar as descrições dos psicoterapeutas sobre a utilização dos materiais lúdicos.
- Verificar a classificação os artigos de acordo com os tipos de relato sobre a utilização dos materiais.
- Verificar a distribuição dos artigos de acordo com o tipo de relato da utilização.
- Sintetizar os objetivos especificados para os materiais lúdicos nos trabalhos brasileiros.

### 3 MÉTODO

Foi realizada uma pesquisa bibliográfica. Foram utilizadas, como fonte de dados, as seguintes revistas eletrônicas: Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PEPSIC); Biblioteca virtual em saúde (BVS); e Scientific Electronic Library Online Brazil (SCIELO Brazil). Os indexadores utilizados na pesquisa foram “psicoterapia infantil” e “terapia comportamental infantil”. A seleção dos indexadores se deu a partir diversas tentativas, sendo que os indexadores escolhidos foram aqueles que mais retornaram trabalhos. Por exemplo, o indexador “ludoterapia” retornou menos trabalhos e estes trabalhos apareceram, também, com outros indexadores. O levantamento de dados foi realizado no mês de março de 2013.

Os critérios de escolha dos trabalhos que compuseram o banco de dados utilizado para esta pesquisa foram: 1) a disponibilidade de textos completos; e 2) a disponibilidade de textos no idioma português. A partir daí, os artigos foram avaliados buscando-se identificar descrições sobre como os psicoterapeutas utilizavam os recursos lúdicos (brinquedos, jogos, histórias, materiais gráficos etc.) durante a terapia. A partir desta análise, foram criadas seis categorias especificando o tipo de informações contidas sobre o uso do material lúdico em cada trabalho. As categorias criadas foram: *sem brinquedos*; *recomenda, mas não utiliza*; *não psicológicos*; *com brinquedos sem objetivo*; *com brinquedo e objetivos inespecíficos*; e *com brinquedos e objetivos especificados*. Cada categoria será pormenorizadamente descrita a seguir.

*Sem brinquedos*. Esta categoria reuniu todos os estudos que em nenhum momento citou a utilização de material lúdico. Ou seja, apesar dos trabalhos terem sido indexados pelas palavras “psicoterapia infantil” e “terapia comportamental infantil”, o trabalho não descreveu se utilizou material lúdico ou não. Os trabalhos incluídos nesta categoria em geral tratavam de estudos onde eram realizadas intervenções de orientações com os pais, tinha como objetivo validar algum instrumento ou apresentavam teorias sobre a psicoterapia infantil.

*Recomenda, mas não utiliza*. Esta categoria descreve os estudos encontrados que realçavam a importância da utilização de brinquedos na psicoterapia infantil, porém não citavam a utilização dos mesmos. Os trabalhos incluídos nesta categoria em geral tratavam de estudos voltados para orientação de como o psicoterapeuta,

através do material lúdico, pode se beneficiar no processo terapêutico – ou seja, esta categoria incluiu trabalhos teóricos.

*Não psicológico.* Nesta categoria foram agrupados todos os estudos que apareceram com os indexadores, “psicoterapia infantil” e “terapia comportamental infantil”, mas que não representavam intervenções psicológicas, sendo de outras áreas, como da fonoaudiologia, da educação física e da medicina.

*Com brinquedo sem objetivo.* Esta categoria agrupou os estudos encontrados nesta pesquisa que relataram utilizar materiais lúdicos durante o estudo, mencionaram quais os brinquedos foram utilizados, mas não mencionaram os objetivos para a utilização de tais brinquedos.

*Com brinquedos e objetivos inespecíficos.* Os estudos que integram esta categoria citaram materiais lúdicos durante as intervenções, porém apenas citaram objetivos gerais da terapia, sem especificar objetivos específicos para a utilização de cada material lúdico. Em alguns estudos é possível supor qual finalidade de determinado material, porém é difícil precisar exatamente.

*Com brinquedo e objetivos específicos.* Esta categoria apresentou os estudos encontrados que citaram a utilização de materiais lúdicos. Neles, os autores especificaram a finalidade de estar utilizando aqueles materiais durante as intervenções.

Em seguida, foi realizada uma análise estatística da distribuição dos artigos segundo cada categoria. Foram ainda elaboradas descrições resumidas de artigos para a exemplificação das categorias. Finalmente, as informações especificadas nos trabalhos categorizados como “com brinquedos e objetivos específicos” foram agrupadas e foi confeccionado um quadro de referência da utilização de materiais lúdicos.

## 4 RESULTADOS

O número de artigos encontrados na pesquisa totalizou 72 estudos. Estes artigos compuseram a base de dados para a presente pesquisa bibliográfica. A pesquisa foi realizada tendo como fonte de dados as revistas eletrônicas *Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PEPSIC)*, *Biblioteca virtual em saúde (BVS)* e *Scientific Electronic Library Online Brazil (SCIELO Brazil)*. Na PEPSIC foram encontrados 12 artigos, sendo quatro com o indexador terapia comportamental infantil e quatro com psicoterapia infantil. Na SCIELO foram encontrados quatro estudos, três com o indexador psicoterapia comportamental e um com terapia comportamental infantil. No periódico BVS foram encontrados 56 artigos, 19 deles foram encontrado com o indexador terapia comportamental infantil e 36 com o indexador psicoterapia infantil. Alguns artigos foram encontrados em mais de uma base de dados e com os dois indexadores. Na Tabela 1 pode-se observar o banco de dados formado para este trabalho, os indexadores e as bases de dados que os retornaram.

**Tabela 1** – Bases de dados e indexadores para cada trabalho do presente banco de dados

| N° | BD          | Index. | Título do Artigo  |
|----|-------------|--------|---|
| 1  | Pepsic      | TCI    | Grupo cognitivo-comportamental com famílias de crianças com déficits em habilidades sociais e acadêmicas.                                     |
| 2  | Pepsic      | TCI    | Prevenção e tratamento comportamental dos problemas de eliminação na infância.  |
| 3  | Pepsic      | TCI    | Descrição do atendimento de uma criança com déficit em habilidades sociais.   |
| 4  | Pepsic      | TCI    | Validade interna em 20 estudos de caso comportamentais brasileiros sobre terapia infantil.  |
| 5  | Pepsic; BVS | PI     | O sintoma da criança e a dinâmica familiar: orientação de pais na psicoterapia infantil.  |
| 6  | Pepsic      | PI     | A mudança do setting terapêutico como modelo facilitador para promover a estabilidade do vínculo frente às modificações do contexto familiar. |
| 7  | Pepsic      | PI     | Clínica gestáltica infantil e integralidade em uma unidade básica de saúde.   |
| 8  | Pepsic      | PI     | Análise do comportamento e a relação terapeuta-criança no tratamento de um padrão desafiador-agressivo.                                       |

---

|    |             |         |  |
|----|-------------|---------|--|
| 9  | Pepsic; BVS | PI; TCI | Direcionamentos para a condução do processo terapêutico comportamental com crianças.   |
| 10 | Pepsic; BVS | PI      | Orientação de pais no processo de psicoterapia infantil de grupo.  |
| 11 | Pepsic      | PI      | Três perspectivas em psicoterapia infantil: existencial, não diretiva e Gestalt-terapia.   |
| 12 | Pepsic      | PI      | Caracterização da clientela infantil numa clínica-escola de psicologia.  |
| 13 | Scielo; BVS | PI      | Cartório de Freud.   |
| 14 | Scielo; BVS | PI      | Psicoterapia de criança com alopecia areata universal: desenvolvendo a resiliência.  |
| 15 | Scielo      | PI      | Análise funcional como estratégia para a tomada de decisão em psicoterapia infantil.   |
| 16 | Scielo; BVS | TCI     | Invertendo o caminho tradicional do atendimento psicológico numa clínica-escola brasileira.  |
| 17 | BVS         | TCI; PI | Revisão sistemática para estudar a eficácia de terapia cognitivo-comportamental para crianças e adolescentes abusadas sexualmente com transtorno de estresse pós-traumático. |
| 18 | BVS         | TCI; PI | Grupoterapia cognitivo-comportamental para crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual.  |
| 19 | BVS         | TCI     | Validação do conteúdo de um instrumento para avaliação da prontidão do prematuro para início da alimentação oral.  |
| 20 | BVS         | TCI     | Evolução da criança autista a partir da resposta materna ao autismo.   |
| 21 | BVS         | TCI; PI | Terapias de base cognitivo-comportamental do transtorno obsessivo-compulsivo: revisão sistemática da última década.  |
| 22 | BVS         | TCI; PI | Psicoterapia baseada em evidências em crianças e adolescentes.   |
| 23 | BVS         | TCI; PI | Jogos materno-infantis: estimulação essencial para a criança com paralisia cerebral.   |
| 24 | BVS         | TCI     | Avaliação de um modelo de intervenção psicológica para meninas vítimas de abuso sexual.  |
| 25 | BVS         | TCI; PI | Análise funcional do comportamento na avaliação e terapia com crianças.  |
| 26 | BVS         | TCI     | A criança hospitalizada: análise de um programa de atividades preparatórias para o procedimento.   |
| 27 | BVS         | TCI; PI | Terapia infantil e treino de pais em um caso de agressividade.   |
| 28 | BVS         | TCI; PI | Validade do desenho da figura humana na avaliação de Goodenough-Harris e nos indicadores maturacionais de Koppits em crianças da cidade de São Paulo.                        |
| 29 | BVS         | TCI     | Promovendo habilidades sociais educativas parentais na prevenção de problemas de comportamento.  |
| 30 | BVS         | TCI; PI | A escrita e a psicose na criança: uma proposta de tratamento.  |
| 31 | BVS         | TCI; PI | Transtorno, sintoma e direção do tratamento para o autismo.  |

---

---

|    |     |         |   |
|----|-----|---------|---|
| 32 | BVS | TCI     | Terapia comportamental com famílias de crianças agressivas: por que, como e quando?   |
| 33 | BVS | TCI; PI | Experiência na elaboração de estórias com abordagem cognitiva para tratamento de disфонia infantil.                                   |
| 34 | BVS | TCI; PI | Avaliação do processo de enfrentamento em crianças com câncer: pesquisa para implantação de programa de intervenção psicológica.      |
| 35 | BVS | TCI; PI | O enfrentamento do câncer em crianças: a intervenção da Psicologia.   |
| 36 | BVS | PI      | Autismo: intervenções psicoeducacionais.  |
| 37 | BVS | PI      | Transferência e psicoterapia de grupo.  |
| 38 | BVS | PI      | Internações hospitalares e cirurgias precoces, linguagem e psiquismo: estudo de dois casos.   |
| 39 | BVS | PI      | Depressão e doença bipolar na infância e adolescência.  |
| 40 | BVS | PI      | Abordagem terapêutica grupal com mães de crianças portadoras de distúrbios de linguagem.  |
| 41 | BVS | PI      | Psicoterapia pais-bebê no contexto de malformação do bebê: repercussões no olhar da mãe acerca do desenvolvimento do bebê.            |
| 42 | BVS | PI      | Indicadores clínicos em psicoterapia com mulheres vítimas de abuso sexual.  |
| 43 | BVS | PI      | Autismo infantil e vínculo terapêutico.   |
| 44 | BVS | PI      | A inclusão dos pais na clínica das psicoses infantis.   |
| 45 | BVS | PI      | A dermatite atópica na criança: uma visão psicossomática.   |
| 46 | BVS | PI      | A depressão infantil e suas formas de manifestação.   |
| 47 | BVS | PI      | Pedofilia: Informações Médico-Legais para o profissional da saúde.  |
| 48 | BVS | PI      | A prática da psicoterapia infantil na visão de terapeutas nas seguintes abordagens: psicodrama, Gestalt terapia e centrada na pessoa. |
| 49 | BVS | PI      | O grupo multifamiliar como um método de intervenção em situações de abuso sexual infantil.  |
| 50 | BVS | PI      | Reflexões sobre a relação mãe-filho e doenças psicossomáticas: Um estudo teórico-clínico sobre psoríase infantil.                     |
| 51 | BVS | PI      | Hiperatividade: doença ou essência um enfoque da Gestalt-Terapia.   |
| 52 | BVS | PI      | Significado da terapia de grupo para crianças autistas: percepção das mães.   |
| 53 | BVS | PI      | Abuso sexual na infância: a vivência em um ambulatório de psicoterapia de crianças.   |
| 54 | BVS | PI      | Os sintomas psicofuncionais e as consultas terapêuticas pais / bebê.  |
| 55 | BVS | PI      | Crianças em risco: abandono de psicoterapia.  |
| 56 | BVS | PI      | A psicologia e a psiquiatria perdem um de seus maiores expoentes: uma homenagem ao Dr. Mauricio Knobel.                               |

---



|    |     |    |   |
|----|-----|----|---|
| 57 | BVS | PI | Investigação em psicoterapia com crianças: uma revisão.   |
| 58 | BVS | PI | Demandas do processo psicodiagnóstico: considerações teóricas e clínicas sobre as vivências das estudantes de psicologia. |
| 59 | BVS | PI | Psico-oncologia e grupos: trabalhando vínculos em uma casa de apoio a pacientes com câncer.                               |
| 60 | BVS | PI | O debate entre o cuidado e a educação: práticas clínicas atuais.  |
| 61 | BVS | PI | Psicoterapia breve familiar em casos de famílias em situação de violência.  |
| 62 | BVS | PI | O Psicodiagnóstico Interventivo como método terapêutico no tratamento infantil: fundamentos teóricos e prática clínica.   |
| 63 | BVS | PI | O fantasiar como recurso na clínica comportamental infantil.  |
| 64 | BVS | PI | A depressão materna e suas vicissitudes.  |
| 65 | BVS | PI | Acompanhamento terapêutico e educação inclusiva.  |
| 66 | BVS | PI | Da separação impossível ao tratamento do outro possível... A criança indaga o tratamento.                                 |
| 67 | BVS | PI | Psicoterapia infantil: ilustrando a importância do vínculo materno para o desenvolvimento da criança.                     |
| 68 | BVS | PI | O lugar do brincar na psicanálise de crianças.  |
| 69 | BVS | PI | Critérios de indicação para psicoterapia breve de crianças e pais.  |
| 70 | BVS | PI | Dificuldades e facilidades na psicoterapia de grupo com crianças.   |
| 71 | BVS | PI | Tratamento psicofarmacológico aplicado à criança.   |
| 72 | BVS | PI | Autismo na criança e seu impacto sobre a família.   |

**Legenda.** BD: base de dados; Index.: Indexador; TCI: Terapia Comportamental Infantil; PI: Psicoterapia Infantil; PEPSIC: Periódicos Eletrônicos em Psicologia; BVS: Biblioteca Virtual em Saúde; SCIELO: Scientific Electronic Library Online Brazil.

Como pode ser observado na Figura 1, dentre os artigos encontrados, 49% não relataram a utilização dos brinquedos lúdicos durante seus estudos (categoria *sem brinquedos*), 19% recomendam a utilização dos brinquedos na psicoterapia, porém não relataram se foi realizada a utilização dos materiais lúdicos (categoria *recomenda, mas não utiliza*), e 14% são trabalhos que não relatam intervenção psicológica (categoria *não psicológica*). Dentre todos os trabalhos, apenas 18% deles descreveram a utilização dos materiais lúdicos no estudo. Destes, três por cento não especificam a finalidade dos materiais utilizados (categoria *com brinquedos, mas sem objetivos*), quatro por cento apresentaram apenas objetivos amplos, ou seja, para finalidades mais gerais sem relacionar a utilização do brinquedo para o tratamento de algum comportamento alvo específico (categoria *com brinquedos e com objetivo inespecíficos*) e 11% dos trabalhos apresentou

objetivos específicos para a utilização dos materiais lúdicos (categoria *com brinquedos e com objetivos especificados*).

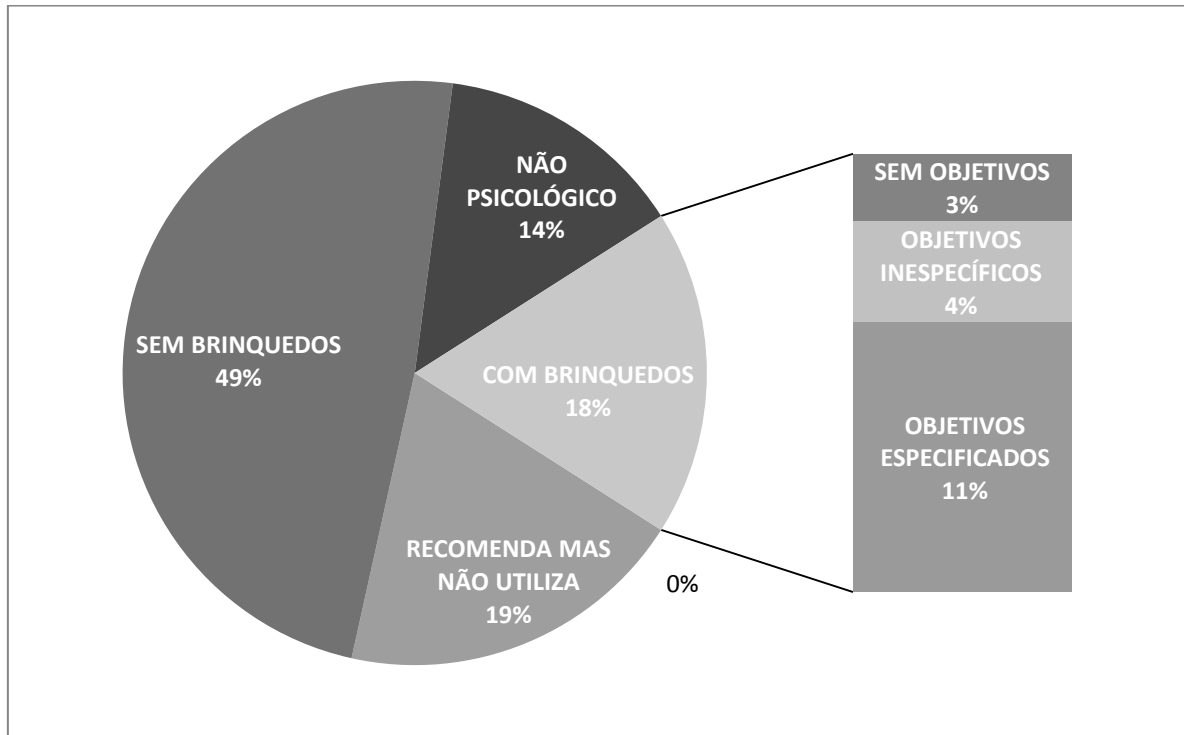


Figura 2 - Distribuição dos artigos brasileiros sobre psicoterapia e terapia infantil de acordo com a forma de relatar a utilização de materiais lúdicos

Segue abaixo uma análise a fim de exemplificar os objetivos e resultados dos artigos classificados em cada uma das categorias criadas para este trabalho.

#### 4.1 SEM BRINQUEDOS

Dentre os artigos encontrados que não citam a utilização dos materiais havia, por exemplo, o estudo de Del Prette, Silveiras e Meyer (2005), que teve a finalidade de analisar os métodos de avaliação utilizados por psicólogos comportamentais infantis a partir dos dois volumes organizados por Silveiras (2000) e de edições da coletânea anual intitulada “Sobre Comportamento e Cognição”, totalizando vinte estudos de caso. O estudo analisou a qualidade dos estudos de caso, verificando os

métodos de avaliação do cliente e das intervenções, observando que apenas um dos estudos de caso pode ser considerado Tipo III, ou seja, apenas este contemplava o critério mais exigente para os procedimentos de avaliação utilizados no estudo.

No estudo de Prebianchi (2011), foi descrito um processo de orientação em um grupo de pais com o intuito de auxiliá-los em seus comportamentos com relação aos seus filhos. As crianças eram atendidas ao mesmo tempo em que seus pais e também estavam sendo submetidos à psicoterapia de grupo. O comportamento pelos quais as crianças estavam sendo submetidas à psicoterapia era o de agressividade. Pode-se observar que a intervenção produziu resultados positivos, visto que a modificação dos comportamentos dos pais permite a estes alterar os comportamentos indesejados dos filhos. Porém, este estudo não descreveu as intervenções oferecidas às crianças, somente as orientações aos pais.

Mondardo e Valentina (2008) relataram o caso de Ana, uma criança de oito anos de idade com características de transtorno de déficit de atenção e hiperatividade. O artigo tem o intuito de promover uma reflexão sobre a importância da mãe no desenvolvimento emocional da criança. De acordo com as autoras, a história de vida de Ana pode ter levado a algumas falhas na estrutura primária do seu psiquismo o que gerou o transtorno de déficit de atenção e hiperatividade, como, por exemplo, o fato de sua mãe não ter amamentado enquanto era bebê e o fato de Ana ter tido vários problemas de saúde que geraram várias internações. Durante a descrição do caso as autoras não mencionam o uso de material lúdico.

#### 4.2 RECOMENDA, MAS NÃO UTILIZA

Entre os artigos que não relatam a utilização de materiais lúdicos, mas que ressaltaram a importância da sua utilização na psicoterapia infantil há, por exemplo, o trabalho de Moura e Venturelli (2004), em que se realizou um estudo embasado em trabalhos já existentes, com o objetivo de constituir alguns passos para conduzir uma intervenção psicoterapêutica infantil segundo a análise do comportamento. Na opinião de Moura e Venturelli, as intervenções devem seguir três passos, mencionados a seguir, e ainda ressaltam a importância da utilização dos recursos

lúdicos que devem estar presentes em todas as fases, principalmente na intermediária. A primeira parte é descrita como a fase em que se explica à criança o funcionamento da terapia e o problema a ser trabalhado. A parte intermediária seria a fase quando a criança aprenderia a identificar e expressar seus sentimentos, a analisar quais contingências estariam ligadas aos seus comportamentos problema e aprenderiam outras alternativas para lidar com esses comportamentos problema. A última parte seria a fase quando as crianças colocariam em prática o que aprenderam dentro da sessão, analisariam seus comportamentos, classificando-os em com ou sem sucesso, além de que nessa fase se processaria o desligamento da terapia.

Poletto (2003), em seu artigo, realizou uma reflexão sobre algumas questões que surgem dos pais de crianças submetidas ao psicodiagnóstico por acadêmicas de psicologia e também questões das próprias acadêmicas. As acadêmicas se depararam com sua primeira experiência clínica e é natural que tenham surgido dúvidas. Os pais que buscam atendimento para os filhos já vêm com muitas incertezas visto que primeiramente eles tiveram que aceitar que seu filho não é um ser perfeito, além do que têm que aprender a lidar com o sentimento de culpa que surge pelo fato de acreditarem não terem sido capazes de cuidar de seus filhos, tendo que pedir ajuda a um terceiro. Na visão de Poletto, as acadêmicas têm que conseguir entender a criança com o brincar, pois esta seria a melhor forma de expressão da criança. Logo que conseguissem entendê-las, conseguiriam realizar o psicodiagnóstico.

Foram encontrados estudos em que os autores mencionaram a utilização de materiais lúdicos, porém sem especificá-los. Em Silvares (2000), por exemplo, o objetivo do estudo era avaliar se as crianças encaminhadas pela escola para atendimento em uma clínica-escola também seriam beneficiados com um atendimento realizado na própria escola e em grupo. Os professores seriam os responsáveis por indicar crianças consideradas hiperativas, agitadas e que apresentassem isolamento social. Durante o relato destes atendimentos, foi citado o uso de alguns recursos lúdicos, porém sem especificação.

Fonseca e Pacheco (2010) conseguiram demonstrar com seus estudos que a análise funcional do comportamento em terapia comportamental com crianças realmente é eficaz. Durante o relato deste estudo, as autoras descreveram que fizeram uso de recursos lúdicos, mas não mencionaram quais foram esses materiais.

Marques e Gomes (2006) realizaram um estudo com a intenção de demonstrar que é possível manter um vínculo com o paciente mesmo com mudanças de setting terapêutico durante o tratamento. As autoras demonstraram o fato com um paciente, uma criança de sete anos, que precisou mudar de setting terapêutico três vezes. Mesmo com essas mudanças, foi possível a permanência do vínculo terapêutico e um resultado positivo nos atendimentos. Foi relatada a utilização de materiais lúdicos durante os atendimentos psicoterápicos.

#### 4.3 NÃO PSICOLÓGICO

Dentre os estudos encontrados que não eram de intervenção psicológica, encontra-se o de Tamanaha, Perissinoto e Chiari (2008), em que foram realizadas intervenções terapêuticas fonoaudiológicas em crianças do sexo masculino, diagnosticadas com autismo infantil e síndrome de asperger, tendo entre quatro e dez anos de idade. A finalidade da intervenção foi a de avaliar a progresso da criança autista utilizando-se de informações fornecidas pela mãe. O resultado obtido foi satisfatório, pois após alguns meses de atendimento as mães conseguiram identificar mudanças no comportamento de seus filhos.

Também foi encontrado o estudo de Gomes e Duarte (2009), educadores físicos, que buscaram avaliar a importância das atividades lúdicas em crianças com paralisia cerebral que, em um hospital, aguardavam por atendimento para realização das sessões de fisioterapia. O estudo foi realizado com quatro crianças juntamente com suas mães na própria sala de espera do hospital. O que se pôde perceber foi o fato das mães conseguirem desenvolver um repertório de comportamento mais afetivo com seus filhos, modificando um ambiente que era hostil em algo mais agradável para ambos, tornando as esperas por atendimentos mais agradáveis e menos tumultuadas.

Outro exemplo dos artigos encontrados que não possuem intervenção psicológica é o estudo de Lima (2004), em que o autor é um médico e por meio de uma pesquisa bibliográfica buscou encontrar fatores que predispunham a criança e o adolescente a ter depressão infantil e transtorno bipolar. De acordo com Lima

(2004), os fatores envolvidos são genéticos, temperamentais, eventos vividos no dia a dia do adolescente e da criança e fatores neurológicos.

#### 4.4 COM BRINQUEDOS, MAS SEM OBJETIVOS

Três dos artigos encontrados durante a pesquisa, alguns citaram brinquedos, porém sem descrever nenhum objetivo para a utilização deles. Como exemplo, há o estudo realizado por Barbieri, Jacquemin e Alves (2007), em que foi mostrado que, com um psicodiagnóstico é possível obter efeitos terapêuticos. Para isso, as autoras apresentaram o caso de uma criança com comportamentos antissociais que, após o psicodiagnóstico acompanhado de interpretação, apresentou uma melhora dos seus comportamentos. No relato desses atendimentos, elas mencionaram a utilização de alguns brinquedos como massa de modelar, blocos de madeira e canetas coloridas, mas não explicitaram o objetivo de o terem utilizado.

#### 4.5 COM BRINQUEDOS E COM OBJETIVOS INESPECÍFICOS

Entre os artigos encontrados que utilizaram materiais lúdicos apenas apresentando objetivos genéricos, ou seja, artigos em que não especificaram o objetivo de usar cada brinquedo no processo psicoterapêutico, há o estudo de Melo e Silveiras (2003). Neste trabalho foram selecionadas crianças que tinham sido encaminhadas pela escola para realizarem atendimento psicológico em uma clínica-escola. As autoras, no entanto, decidiram realizar esses atendimentos em grupos, no próprio ambiente escolar, tendo como objetivo verificar se os resultados obtidos ajudariam a diminuir a evasão das mesmas da escola. Foram realizados atendimentos psicológicos em grupo, separadamente, com as crianças e com seus pais. Foi relatada a utilização de vários materiais lúdicos, como papel e material gráfico, brincadeira da mímica, jogos de leitura e de matemática, atividades para o desenvolvimento da coordenação motora, massa de modelar e fantoches. Segundo as autoras, a finalidade do uso desses materiais foi, entre outras, auxiliar a criança

na adesão da terapia, facilitar o surgimento de respostas frente a situações de interação com os pares e com o terapeuta, bem como frente às consequências providas pelo grupo, fortalecer respostas adequadas ao se identificar suas consequências naturais etc. Apesar de que as autoras descreveram claramente os objetivos dos materiais, não se encontrou no trabalho uma relação entre um determinado material lúdico específico e um determinado objetivo.

Emidio, Ribeiro e de-Farias (2009) desenvolveram um estudo para avaliar se o treinamento de pais tinha algum efeito real sobre o comportamento do filho que se encontra em psicoterapia com queixa de agressividade. Durante as intervenções com a criança, foi mencionada a utilização dos seguintes materiais lúdicos: lápis preto e colorido, canetinha, tinta guache, tela para pintura, revista, tesoura, cola, damas, xadrez e mercado imobiliário. A finalidade da utilização dos materiais era a de distinguir os comportamentos adequados dos inadequados, oferecer consequências para tais comportamentos e auxiliar a criança a diferenciar seus comportamentos, além de treinar habilidades sociais de civilidade e empatia. Também não foi especificada a relação entre cada material e cada objetivo.

Haber e Carmo (2007), em seu estudo, avaliaram como quatro psicólogas utilizaram o recurso da fantasia na clínica comportamental infantil. Chegou-se à conclusão que, pelo fantasiar, podem-se observar os comportamentos públicos das crianças e os relatos verbais dos comportamentos privados. As autoras afirmam ainda que além do fantasiar como recurso para identificar os comportamentos citados acima, também se podem utilizar materiais lúdicos como a argila e fantoches. Neste estudo também não se explicitou a relação entre o material e algum objetivo específico.

#### 4.6 COM BRINQUEDOS E COM OBJETIVOS ESPECIFICADOS

Alguns estudos explicitaram claramente a relação entre um material lúdico e algum objetivo específico. Estes estudos podem ser observados na Figura 3. O quadro da Figura 3 apresenta os estudos que continham os brinquedos e seus objetivos especificados, juntamente com a idade e a queixa apresentada pelos pacientes que participaram da terapia que serviu de base para o artigo publicado.

Habgzang et al. (2009), realizaram um estudo com o objetivo de avaliar se o modelo de grupoterapia cognitiva comportamental para crianças e adolescentes é eficaz no tratamento de meninas vítimas de abuso sexual. Durante a realização deste estudo, foram utilizados brinquedos como: jogo das emoções, massinha de modelar e construção de histórias em quadrinhos, todos tendo como objetivo de trabalhar os sentimentos do paciente com relação ao abusador. Ao fim do deste estudo, houve um resultados significativo com relação à redução de sentimentos psicológicos como ansiedade, depressão, stress infantil, transtorno de estresse pós traumático e sentimento de culpa das pacientes que participaram da grupoterapia.

Campo, Toledo e Faria (2011) descreveram um relato de experiência de um grupo de crianças que buscavam atendimento em uma unidade básica de saúde. Durante os atendimentos foram utilizados materiais lúdicos. Nesse estudo, foram citados várias atividades com objetivos específicos, por exemplo, a atividade de desenho coletivo. Para isto, foram entregues papel sulfite, giz de cera, lápis de cor, cola, barbante e palito de sorvete. As crianças deveriam criar um desenho em um determinado tempo e, em seguida, trocar de desenho com outra criança para que ela o continuasse. O objetivo dessa atividade era de identificar e trabalhar cooperação e a competitividade. Outra atividade desenvolvida era o jogo da mímica. Neste jogo os pais das crianças participavam, tendo que adivinhar a mímica que o outro fazia. O objetivo foi trabalhar, entre outras coisas, o relacionamento entre pais e filhos. Vale ressaltar a atividade com os fantoches, em que as crianças desenvolviam histórias e os pais podiam interagir com os filhos durante o relato da criança. As terapeutas, com isso, objetivaram desenvolver uma interação dos pais com os filhos durante a fantasia da criança.

Outro exemplo dos estudos encontrados que descreveram de maneira mais completa a utilização dos materiais lúdicos foi o de Soares e BomTempo (2004), em que as autoras tinham o intuito aumentar o comportamento de adesão, ao tratamento médico, de crianças com problemas respiratórios, que estavam sendo submetidas ao procedimento de inalação em um hospital. Para a realização das intervenções as autoras utilizaram materiais lúdicos, como um livro de livro de história, elaborado por elas com o qual as crianças poderiam conhecer melhor o ambiente hospitalar. As crianças também foram convidadas a brincar de médico com os instrumentos reais que são utilizados durante o tratamento, para que pudessem verbalizar seus sentimentos com relação ao procedimento médico. Os resultados



mostraram que os comportamentos de adesão da criança aumentaram significativamente.

| AUTORES  | IDADE            | SEXO       | QUEIXA  | BRINQUEDOS  | OBJETIVO  |
|--|------------------|------------|---|---|---|
| Gosch e Vandenberghe (2004)                            | 9                | M          | Transtorno de Conduta e Hiperatividade  | 1. Jogo de Damas  | 1. Reforçar o ir à escola e participar das atividades; reforçar comportamentos alternativos ao comportamento agressivo; treinar o comportamento da criança de ter paciência, esperando a sua vez de jogar                                       |
| Moura, Grossi e Hirata (2009)                          | 7                | M          | Comportamentos Agressivos   | 1. Massa de modelar caseira, pintura a dedo, confecção de desenhos, mosaicos e fantoches<br>2. Jogos de memória de sílabas, palavras e figuras, montagem de palavras, atividades de discriminação visual, leitura de livros de estórias, recorte e colagem de palavras, jogos de achar palavras e ditados | 1. Levar a criança a pedir a ajuda do terapeuta<br><br>2. Treinar atenção e concentração nas atividades escolares   |
| Costa e Kanitz (2000)<br>Campos, Toledo e Faria (2011) | 4 a 12           | 14 M e 6 F | Tratamento de câncer<br><br>Crianças atendidas em uma unidade básica de saúde | 1. Fantoches, bonecos, desenhos em cartazes<br><br>1. Papel sulfite, giz de cera, lápis de cor, cola, barbante e palito de sorvete<br>2. Jogo da mímica<br>3. Fantoche  | 1. Desenvolver meios para lidar com a vida e motivar perspectiva de melhora<br>1. Identificar e trabalhar cooperação<br><br>2. Observar a interação entre pais e filhos<br>3. Verificar de que forma pais conseguem se relacionar com os filhos |
| Habigzanget al. (2009)                                 | 9 a 16           | F          | Vitimas de abuso sexual   | 1. Jogo das emoções<br>2. Massa de modelar<br>3. Construção de história em quadrinhos de experiências vividas   | 1. Tratar os estados emocionais<br>2. Trabalhar os sentimentos pelo abusador<br>3. Identificar emoções, comportamentos e pensamentos  |
| Habigzanget al. (2008)                                 | 9 a 13           | F          | Vitimas de abuso sexual   | 1. Jogo das emoções<br>2. Massa de modelar  | 1. Ensinar a nomear os sentimentos<br>2. Trabalhar seus sentimentos com relação ao abusador   |
| Soares (2004)  | 5 a 8 e 11 meses | M e F      | Doença respiratória e procedimento médico de inalação                         | 1. Lápis de cor, canetinhas hidrocor, lápis, papel sulfite e livros infantis<br>2. Brinquedos de miniaturas hospitalares  | 1. Descrever o ambiente hospitalar<br><br>2. Descrição de procedimento médicos  |
| Silvares (2000)  | 6 a 10           | M e F      | Problema de conduta   | 1. Livro de João e Maria<br>2. Livro do Chapeuzinho Vermelho<br>3. Livro da galinha ruiva<br>4. Livro do lobo e os sete cabritinhos<br>5. Brincando com as expressões   | 1. Discussão do tema cooperação<br>2. Discussão do tema obediência<br>3. Discussão dos temas cooperação e bondade<br>4. Discussão do tema obediência<br>5. Identificação de sentimentos   |

Figura 3 - Referência dos artigos e a relação entre o perfil do paciente, os materiais lúdicos e seus respectivos objetivos.

## 5 DISCUSSÃO

O objetivo desse trabalho foi observar como os psicoterapeutas infantis utilizaram os materiais lúdicos nas sessões psicoterápicas. Os resultados obtidos mostram que na maioria dos estudos encontrados não existe um porquê da utilização dos brinquedos, sendo que a maioria dos estudos nem sequer relata a utilização de brinquedos.

Durante a pesquisa realizada, pôde-se observar ainda que dentre os artigos encontrados que não citavam a utilização dos materiais lúdicos, alguns expõem intervenções de orientações com os pais, tal fato é importante para se obter êxito nas intervenções psicoterápicas infantis, sendo então desnecessária a citação de brinquedos nos estudos. Outros artigos encontrados apresentavam o objetivo de validar algum instrumento ou são estudos teóricos, considerados importantes para uma boa eficácia nas terapias infantis, não se tratando, portanto de relatos intervenções psicoterápicas com crianças, sendo também desnecessário o relato da forma de uso dos brinquedos. Por outro lado em nenhum desses estudos se encontrou nenhuma orientação de como os terapeutas infantis devem utilizar materiais lúdicos com êxito.

Alguns estudos encontrados destacam a importância de se usar materiais lúdicos durante as intervenções psicológicas infantis, citando ainda que seria pela utilização destes brinquedos que o psicoterapeuta conseguiria criar uma relação mais próxima, facilitando a confiança da criança em relação ao psicoterapeuta. Entretanto, em nenhum desses artigos foram citados que tipo de material lúdico favoreceria o estabelecimento da empatia entre o psicoterapeuta e a criança. Acredita-se que a descrição de materiais já utilizados em intervenções bem sucedidas poderia servir como exemplo para psicoterapeutas inexperientes, que em princípio precisam de orientações, para que sejam realizadas psicoterapias infantis obtendo êxito. Acredita-se, porém, que uma sistematização como esta permite que se utilize esses brinquedos de forma singular e de acordo as demandas de cada criança e de cada caso.

Ainda, foram encontrados com os indexadores *psicoterapia infantil* e *terapia comportamental infantil*, artigos que não tratavam sobre intervenções psicológicas, não sendo, portanto, de interesse deste estudo. Tal resultado levanta ainda a

questão da utilização de termos pertinentes ao trabalho do psicólogo por outros profissionais. Espera-se, em uma busca com os indexadores utilizados nesta pesquisa, encontrar exclusivamente trabalhos da área da psicologia.

Dos artigos que relataram a utilização dos brinquedos, parte deles não citou quais brinquedos foram utilizados, dessa forma esses também não especificaram os objetivos de utilizá-los. Outros artigos, no entanto, relataram a utilização de alguns brinquedos, porém não mencionaram a finalidade do uso de cada um. Em alguns deles pôde-se supor a finalidade da utilização de determinado brinquedo, mas seria difícil precisar se realmente essa foi a finalidade dada pelos terapeutas que participaram do estudo.

Com a realização dessa pesquisa, observou-se que os estudos que apresentam os objetivos específicos para a utilização de materiais lúdicos estão limitados a um número reduzido. Infelizmente, pareceu que a maioria dos psicoterapeutas utiliza os materiais lúdicos sem uma finalidade específica. Tal prática do lúdico pelo lúdico pode implicar em algumas desvantagens sérias. Por exemplo, a utilização do lúdico sem a especificação de objetivos pode implicar em um possível aumento desnecessário no tempo de tratamento da criança, pois o terapeuta pode se utilizar de brinquedos que não levarão à finalidade esperada. Sabe-se que vários brinquedos podem ser utilizados para várias finalidades, entretanto, quando se utiliza os brinquedos com precisão para se alcançar um objetivo específico relacionado à queixa apresentada – seja ela birra, agressividade, dependência, sentimentos de ansiedade, déficits de habilidades sociais, qualquer que seja (CONTE; REGRA, 2012) – o tempo de tratamento pode ser reduzido e a melhora ser alcançada de maneira mais eficiente. Para melhor esclarecer esta questão, seria recomendada a realização de um estudo que comparasse o uso de brinquedos com e sem objetivos especificados, medindo-se a melhora do paciente. Um estudo desta natureza não foi encontrado na presente pesquisa.

Na ausência de um estudo desta natureza, podemos utilizar os trabalhos encontrados nesta pesquisa para fortalecer esta hipótese. Por exemplo, no estudo de Silveiras (2000), em que foi desenvolvido um trabalho com crianças agressivas, na sessão em que a terapeuta estabeleceu como objetivo trabalhar a obediência da criança, foi realizada a leitura do livro chapeuzinho vermelho e o objetivo foi cumprido durante uma sessão. Se não a terapeuta tivesse sido escolhido a leitura do livro de história e sim permitido uma livre escolha da atividade, não se sabe se a

criança escolheria a atividade lúdica que levasse ao objetivo estabelecido para aquela sessão e também não se sabe quando este objetivo seria alcançado.

No estudo de Gosch e Vandenberghe (2004), em que foi utilizado o jogo de damas para, dentre outras finalidades, que a criança desenvolvesse um comportamento “paciente”, visto que a dama é um jogo que requer habilidade, estratégia e paciência enquanto se espera o outro jogador realizar o seu jogo.

Soares (2004) em seu estudo pretendia fazer com que as crianças entendessem que estavam passando por um procedimento médico e o que acontecia com eles durante o processo de inalação. Entendo o procedimento, as crianças aderiram com mais facilidade às intervenções médicas, o que corresponde aos resultados relatados pela autora.

Não se deve utilizar o brinquedo sem objetivo na psicoterapia infantil, pois acredita-se que dessa forma ele esteja sendo utilizado sem um fim terapêutico e sendo utilizado apenas como diversão. Quando se utiliza o lúdico com uma finalidade pode se alcançar realmente a eficácia de uma terapia. Por exemplo, quando se pretende trabalhar obediência com uma criança, um das formas de se trabalhar este objetivo é com a leitura do livro chapeuzinho vermelho como citado por Silves (2000). A forma como cada recurso lúdico será utilizado deverá obedecer a singularidade da criança e do caso, mas o objetivo para a utilização do lúdico precisa ser especificado e estar claro para o terapeuta.

Quando se utiliza um brinquedo na psicoterapia, seja para conhecer a criança, para criar empatia ou para avaliar a queixa, tais materiais estão sendo utilizados com objetivos. Em todas essas circunstâncias o psicoterapeuta tem uma finalidade para a utilização do brinquedo. A forma, portanto, de como se fará uso desses brinquedos com a criança se torna diferente de acordo com a história de cada uma. De qualquer maneira, a questão aqui é que o terapeuta pode ter objetivos específicos para a utilização de um material lúdico (ex., pedir para a criança desenhar livremente para investigar seus sentimentos) ou pode utilizar os materiais sem reflexão ou motivos, caracterizando o “lúdico pelo lúdico”.

Resumindo, conclui-se que há um consenso entre os autores com relação à aceitação da utilização dos materiais lúdicos em terapia infantil e sua importância. Por outro lado, percebeu-se que existem muitas falhas em relatar os detalhes dos procedimentos utilizados pelos autores, que não identificam a utilização ou não

destes materiais, bem como quais as finalidades específicas para o uso de cada material.

## CONCLUSÃO

O objetivo deste estudo foi verificar como os psicoterapeutas brasileiros utilizavam os materiais lúdicos durante a psicoterapia infantil, visto a importância da utilização deste material. Pode-se concluir que grande parte dos estudos encontrados nesta pesquisa não relata a utilização dos materiais lúdicos, embora a maioria dos autores concorde quanto à importância da utilização destes materiais. Diversas razões podem ter levado os autores a considerar desnecessário o relato dos mesmos, bem como a falha em seus relatos pode ter passado despercebida, ou ainda pode ser que os autores suponham que as técnicas da psicoterapia infantil são óbvias e dispensam maiores descrições.

Pode-se concluir também que o relato dos materiais lúdicos utilizados pode ser de grande valia para terapeutas inexperientes, pois descreve procedimentos bem sucedidos que poderão ser replicados em situações semelhantes. Tal identificação dos materiais utilizados deveria, segundo se supõe neste trabalho, identificar: 1) a idade da criança que está em tratamento; 2) seu sexo; 3) a queixa pela qual a criança está recebendo o atendimento; 4) o material lúdico utilizado; e 5) o objetivo específico da utilização daquele material.

A pesquisa realizada gerou um quadro contendo estes dados de maneira a facilitar a visualização e adoção de estratégias bem sucedidas. Se novos trabalhos sobre a psicoterapia infantil também apresentarem tais informações, este quadro poderá ser ampliado e continuamente alimentado. Tal prática poderá ser útil para os terapeutas infantis. Pesquisas experimentais adicionais poderão comparar a utilidade de se empregar os materiais listados neste quadro com a utilidade de se utilizar estratégias de livre brincar.

## REFERÊNCIAS

ABERASTURY, Arminda. **A criança e seus jogos**. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 1992.

AFFONSO, Rosa Maria Lopes (org). Breve Histórico da técnica. In: AFFONSO, Rosa Maria Lopes (org). **Ludodiagnóstico: Investigação clínica através do brinquedo**. Porto Alegre: Artmed, 2012. Cap. 5, pág. 58 – 68.

ANTONY, Sheila; RIBEIRO, Jorge Ponciano. Hiperatividade: doença ou essência um enfoque da Gestalt-Terapia. **Psicologia: ciência e profissão**. Brasília, vol. 25, nº 2, pp.186-197, 2005. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932005000200003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932005000200003&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 04 jun. 2013.

BARBIERI, Valéria; JACQUEMIN, André A; ALVES, Zélia Maria Mendes Biasoli. O Psicodiagnóstico Interventivo como método terapêutico no tratamento infantil: fundamentos teóricos e prática clínica. **Psico**. Porto Alegre, vol. 38, nº 2, maio-ago., 2007. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/viewFile/2565/1992>>. Acesso em: 17 jun. 2013

BECHELLI, Luiz Paulo de C; SANTOS, Manoel Antônio. Transferência e psicoterapia de grupo. **Revista Latino Americana de Enfermagem**. Vol. 14, nº1, jan./fev., 2006. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-11692006000100015](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692006000100015)>. Acesso em: 03 jun. 2013.

BISACCIONI, Paola; CARVALHO, Marcus Bentes. Algumas considerações sobre o “pequeno Albert”. **Temas em Psicologia**. Vol. 18, nº 2, 2010. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v18n2/v18n2a22.pdf>>. Acesso em: 06/11/2013

BIRKMAN, Malka; CUNHA, Maria Claudia. Internações hospitalares e cirurgias precoces, linguagem e psiquismo: estudo de dois casos. **Pró-Fono Revista de atualização científica**. Barueri, vol. 18, nº1, pp. 79-88, jan.-abr., 2006. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-56872006000100010](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-56872006000100010)>. Acesso em: 03 jun. 2013.

BOARATI, Maria Cristina Brisighello; SEI, Maíra Bonafé; ARRUDA, Sérgio Luiz Saboya. Abuso sexual na infância: a vivência em um ambulatório de psicoterapia de crianças. **Revista brasileira de crescimento e desenvolvimento humano**. Campinas, vol. 19, nº3, pp. 426-433, dez., 2009. Disponível em:



<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-12822009000300008](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822009000300008)>. Acesso em: 17 jun. 2013.

BOLSONI-SILVA, Alessandra Turini; SILVEIRA, Fabiane Ferraz; MARTURANO, Edna Maria. Promovendo habilidades sociais educativas parentais na prevenção de problemas de comportamento. **Revista brasileira de terapia comportamental e cognitiva**. Belo Horizonte, vol. 10, nº 2, pp. 125-142, dez., 2008. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1517-55452008000200002&script=sci\\_arttext](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1517-55452008000200002&script=sci_arttext)>. Acesso em: 20 mai. 2013.

BOSA, Cleonice Alves. Autismo: intervenções psicoeducacionais. **Revista Brasileira de Psiquiatria**. Vol. 28, nº1, pp. 47-53, maio, 2006. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-44462006000500007&script=sci\\_abstract&lng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-44462006000500007&script=sci_abstract&lng=pt)>. Acesso em: 03 jun. 2013.

BRANCO, Caroline Mota; FERREIRA, Eleonora Arnaud Pereira. Descrição do atendimento de uma criança com déficit em habilidades sociais. **Revista brasileira de terapia comportamental e cognitiva**, São Paulo, vol.8, nº.1, pp. 25-38, jun., 2006. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1517-55452006000100004&script=sci\\_arttext](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1517-55452006000100004&script=sci_arttext)>. Acesso em: 22 abr. 2013.

BRUM, Evanisa Helena Maio. A depressão materna e suas vicissitudes. **Psyche**. São Paulo, vol. 10, nº 19, pp. 95-108, set./dez., 2006. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-11382006000300007&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382006000300007&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt)>. Acesso em: 24 jun. 2013.

CALAZANS, Roberto; MARTINS, Clara Rodrigues. Transtorno, sintoma e direção do tratamento para o autismo. **Estilos da clínica**. Rio de Janeiro, vol. 12, nº22, pp. 142-157, jun., 2007. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1415-71282007000100009&script=sci\\_arttext](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1415-71282007000100009&script=sci_arttext)>. Acesso em: 20 mai. 2013.

CAMPOS, Bruna Gonçalves; TOLEDO, Tatiana Bruno; FARIA, Nilton Júlio. Clínica gestáltica infantil e integralidade em uma unidade básica de saúde. **Revista abordagem Gestalt**. Goiânia, vol.17, nº.1, pp. 23-29, jun., 2011. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1809-68672011000100005&script=sci\\_arttext](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1809-68672011000100005&script=sci_arttext)>. Acesso em: 22 abr. 2013.

CONTE, Fátima Cristina de Souza; REGRA, Jaíde A. Gomes. A psicoterapia comportamental infantil: Novos Aspectos. In: SILVARES, Edwiges Ferreira de Mattos (org). **Estudos de caso em psicologia comportamental infantil**. 7. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012. V. 1, cap. 4, pág.79 – 136.

COSTA JÚNIOR, Anderson Luiz; COUTINHO, Sílvia Maria Gonçalves; KANITZ, Suyane. **O enfrentamento do câncer em crianças: a intervenção da Psicologia**. Pediatría moderna, vol. 36, nº5, pp. 330-333, maio, 2000. Disponível em: <[http://www.moreirajr.com.br/revistas.asp?fase=r003&id\\_materia=498](http://www.moreirajr.com.br/revistas.asp?fase=r003&id_materia=498)>. Acesso em: 03 nov. 2013.

COSTA JÚNIOR, Anderson Luiz; KANITZ Suyane. Avaliação do processo de enfrentamento em crianças com câncer: pesquisa para implantação de programa de intervenção psicológica. **Pediatria moderna**, vol. 36, nº10, pp. 699-703, out., 2000. Disponível em: <[http://www.moreirajr.com.br/revistas.asp?fase=r003&id\\_materia=98](http://www.moreirajr.com.br/revistas.asp?fase=r003&id_materia=98)>. Acesso em: 03 nov. 2013.

COSTA, Liana Fortunato; PENSO, Maria Aparecida; ALMEIDA, Tânia Mara Campos. O grupo multifamiliar como um método de intervenção em situações de abuso sexual infantil. **Psicologia USP**. São Paulo, vol. 16, nº 4, pp. 121-146, 2005. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-65642005000300007&lng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642005000300007&lng=pt)>. Acesso em: 04 jun. 2013.

COSTA, Maria Ivone Marchi; DIAS, Cristina Maria Souza Brito. A prática da psicoterapia infantil na visão de terapeutas nas seguintes abordagens: psicodrama, Gestalt terapia e centrada na pessoa. **Estudos de psicologia**. Campinas, vol. 22, nº 1, pp. 43-51, jan./mar., 2005. Disponível em:<[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-166X2005000100006&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-166X2005000100006&script=sci_arttext)>. Acesso em: 04 jun. 2013.

CUNHA, Tatiane Regina dos Santos; BENETTI, Silvia Pereira da Cruz. Caracterização da clientela infantil numa clínica-escola de psicologia. **Boletim de psicologia**. São Paulo, vol.59, nº.130, pp. 117-127, jun., 2009. Disponível em:<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0006-59432009000100010&script=sci\\_arttext](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0006-59432009000100010&script=sci_arttext)>. Acesso em: 22 abr. 2013.

DEAKIN, Elisabeth Kuhn and NUNES, Maria Lucia Tiellet. Investigação em psicoterapia com crianças: uma revisão. **Revista psiquiatria**. Rio Grande do Sul, vol.30, nº.1, 2008. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/rprs/v30n1s0/v30n1a03s0.pdf>>. Acesso em: 17 jun. 2013.

DEL PRETTE, Giovana; SILVARES, Edwiges Ferreira de Mattos; MEYER, Sonia Beatriz. Validade interna em 20 estudos de caso comportamentais brasileiros sobre terapia infantil. **Revista brasileira de terapia comportamental e cognitiva**. São Paulo, vol.7, nº.1, pp. 93-105, jun., 2005. Disponível em:<<http://www.usp.br/rbtcc/index.php/RBTCC/article/view/45/34> >. Acesso em: 22 abr. 2013.

Di LORETO, Oswaldo Dante Milton. Cartório de Freud. **Psicologia em estudo**. Maringá, vol.6, nº.1, pp. 3-16, jun., 2001. Disponível em:<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&nrm=iso&lng=pt&tlng=pt&pid=S1413-73722001000100002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&nrm=iso&lng=pt&tlng=pt&pid=S1413-73722001000100002)>. Acesso em: 30 abr. 2013.

EMIDIO, Lorena Archanjo de Souza; RIBEIRO, Michela Rodrigues; FARIA, Ana Karina C. R. Terapia infantil e treino de pais em um caso de agressividade. **Revista brasileira de terapia comportamental e cognitiva**. Campinas, vol. 11, nº 2, pp. 366-385, dez., 2009. Disponível

em:<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&nrm=iso&lng=pt&tlng=pt&pid=S1413-73722001000100002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&nrm=iso&lng=pt&tlng=pt&pid=S1413-73722001000100002)>. Acesso em: 30 abr. 2013.

FELICE, Eliana Marcello. O lugar do brincar na psicanálise de crianças. **Psicologia: teoria e prática**. São Paulo, vol. 5, nº 1, pp. 71-79, jan.-jun., 2003. Disponível em:<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1516-36872003000100006&script=sci\\_arttext](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1516-36872003000100006&script=sci_arttext)>. Acesso em: 24 jun. 2013.

FERNANDES, Beatriz S. Dificuldades e facilidades na psicoterapia de grupo com crianças. **Revista SPAGESP**. vol. 2, nº 2, pp. 81-87, 2001. Disponível em:<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-29702001000100010&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702001000100010&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt)>. Acesso em: 03 nov. 2013.

FIGUEIRÓ, Augusto. As bases neurofisiológicas do brincar. In: AFFONSO, Rosa Maria Lopes(org). Ludodiagnóstico: Investigação clínica através do brinquedo. Porto Alegre: Artmed, 2012. Cap. 3, pág. 26 – 37.

FONSECA, Rochele Paz; PACHECO, Janaína Thaís Barbosa. Análise funcional do comportamento na avaliação e terapia com crianças. **Revista brasileira de terapia comportamental e cognitiva**. Campinas, vol. 12, nº 1/2, pp. 1-19, jun., 2010. Disponível em:<<http://www.usp.br/rbtcc/index.php/RBTCC/article/view/413/307>>. Acesso em: 20 mai. 2013.

FONTES NETO, Paulo T. L et al. A dermatite atópica na criança: uma visão psicossomática. **Revista de psiquiatria**. Rio Grande do Sul, vol. 28, nº1, pp. 78-82, jan.-abr., 2006. Disponível em:<[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-81082006000100010&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-81082006000100010&script=sci_arttext)>. Acesso em: 04 jun. 2013.

FREUD, Sigmund. Duas Histórias Clínicas (o “Pequeno Hans” e o “homem dos Ratos”) (1909).Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro:IMAGO, 1996.

FUJINAGA, Cristina I. et al. Validação do conteúdo de um instrumento para avaliação da prontidão do prematuro para início da alimentação oral. **Revista brasileira de saúde materno infantil**. Recife, vol.8, nº 4, pp. 391-399, out/dez. 2008. Disponível em:<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-38292008000400004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-38292008000400004)>. Acesso em: 16 mai. 2013.

GADELHA, Yvanna Aires; MENEZES, Izane Nogueira de. Estratégias lúdicas na relação terapêutica com crianças na terapia comportamental. **Univ. Ci. Saúde**, Brasília, v. 2, n. 1, jan./jun. 2004. Disponível em:<<http://www.publicacoesacademicas.uniceub.br/index.php/cienciasaude/article/view/523/0>>. Acesso em: 03 nov. 2013.

GASPARINI, Gisele; AZAVEDO, Renata; BEHLAU, Mara. Experiência na elaboração de estórias com abordagem cognitiva para tratamento de disfonia infantil. **Revista ciência médica e biológica**. vol. 3, nº1, pp. 82-88, jan./jun., 2004. Disponível

em:<<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/cmbio/article/view/4413/3271>>. Acesso em: 03 jun. 2013.

GOLFETO, José H; MIAN, Heloísa. Tratamento psicofarmacológico aplicado à criança. **Pediatria moderna**. Vol. 36, n° 5, pp. 300-296, maio, 2000. Disponível em:<[http://www.moreirajr.com.br/revistas.asp?fase=r003&id\\_materia=495](http://www.moreirajr.com.br/revistas.asp?fase=r003&id_materia=495)>. Acesso em: 03 nov. 2013.

GOMES, Aline Grill; PICCININI, Cesar; PRADO, Luiz Carlos. Psicoterapia pais-bebê no contexto de malformação do bebê: repercussões no olhar da mãe acerca do desenvolvimento do bebê. **Revista de psiquiatria**. Rio Grande do Sul, vol. 31, n°2, pp. 95-104, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rprs/v31n2/v31n2a03.pdf>>. Acesso em: 04 jun. 2013.

GOMES, Celina Aguilar; DUARTE, Edison. Jogos materno-infantis: estimulação essencial para a criança com paralisia cerebral. **Estudos de psicologia**, Campinas, vol. 26, n° 4, pp. 553-561, nov.-dez., 2009. Disponível em:<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext\\_pr&pid=S0103-166X2009010500002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext_pr&pid=S0103-166X2009010500002)>. Acesso em: 20 mai. 2013.

GOSCH, Cristiane Scolari; VANDENBERGHE, Luc. Análise do comportamento e a relação terapeuta-criança no tratamento de um padrão desafiador-agressivo. **Revista brasileira de terapia comportamental e cognitiva**, São Paulo, vol.6, n°2, pp. 173-182, dez., 2004. Disponível em:<<http://www.usp.br/rbtcc/index.php/RBTCC/article/view/52/41>>. Acesso em: 22 abr. 2013.

HABER, Gabriella Mendes; CARMO, João dos Santos. O fantasiar como recurso na clínica comportamental infantil. **Revista brasileira de terapia comportamental e cognitiva**, vol. 9, n°1, pp. 45-61, jun., 2007. Disponível em:<<http://www.usp.br/rbtcc/index.php/RBTCC/article/view/145>>. Acesso em: 24 jun. 2013.

HABGZANG, Luísa F. et al. Avaliação de um modelo de intervenção psicológica para meninas vítimas de abuso sexual. **Psicologia: teoria e pesquisa**. Brasília, vol. 24, n° 1, pp. 67-75, jan./mar., 2008. Disponível em:<[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-37722008000100008&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-37722008000100008&script=sci_arttext)>. Acesso em: 20 mai. 2013.

\_\_\_\_\_. et al. Grupoterapia cognitivo-comportamental para crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual. **Revista de Saúde Pública**. Porto Alegre, vol. 43, n° 1, pp. 70-78, ago., 2009. Disponível em:<[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-89102009000800011&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-89102009000800011&script=sci_arttext)>. Acesso em: 16 mai. 2013.

HUTTEL, Joseane et al. A depressão infantil e suas formas de manifestação. **Psicologia Argumento**. Vol. 29, n°64, pp. 11-22, jan./mar., 2011. Disponível em:<<http://www2.pucpr.br/reol/index.php/PA?dd1=4522&dd99=view>>. Acesso em: 03 nov. 2013.

INAFUKU, Cristina Keiko. Da separação impossível ao tratamento do outro possível... A criança indaga o tratamento. **Estilos da clínica**. São Paulo, vol. 9, nº 17, pp. 52-69, dez., 2004. Disponível em:<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-71282004000200004](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282004000200004)>. Acesso em: 03 nov. 2013.

KLEIN, Melanie. A técnica psicanalítica através do brinquedo sua história e significado. In: KLEIN, Melanie; HEIMANN, Paula; MONEY-KRYRLE, R.E.(org). **Novas Tendências na psicanálise**. 2 ed. Rio de Janeiro.Zahar,1980

KLINGER, Ellen Fernanda; REIS, Beatriz Kauri; SOUZA, Ana Paula Ramos. A inclusão dos pais na clínica das psicoses infantis. **Estilos clínicos**. Vol. 16, nº1, pp. 96-115, jun., 2011. Disponível em:<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1415-71282011000100006&script=sci\\_arttext](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1415-71282011000100006&script=sci_arttext)>. Acesso em: 04 jun. 2013.

LERNER, Ana Beatriz Coutinho. A escrita e a psicose na criança: uma proposta de tratamento. **Estilos da clínica**. Rio de Janeiro, vol. 13, nº 25, pp. 138-153, dez., 2008. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1415-71282008000200009&script=sci\\_arttext](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1415-71282008000200009&script=sci_arttext)>. Acesso em: 20 mai. 2013.

LIMA, Dênio. Depressão e doença bipolar na infância e adolescência. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro, vol. 80, nº2, pp. 11-20, abr., 2004. Disponível em:<[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0021-75572004000300003&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0021-75572004000300003&script=sci_arttext)>. Acesso em: 03 jun. 2013.

MAGALHÃES, Maria de Lourdes Caltabiano et al. Pedofilia: Informações Médico-Legais para o profissional da saúde. **Femina**, vol. 39, nº2, fev., 2011. Disponível em:< <http://files.bvs.br/upload/S/0100-7254/2011/v39n2/a2451.pdf>>. Acesso em: 04 jun. 2013.

MANTOVANI, Alexandre; MANTOVANI, Carina Cella Panaia. Psico-oncologia e grupos: trabalhando vínculos em uma casa de apoio a pacientes com câncer. **Revista SPAGESP**. São Paulo, vol. 9, nº 1, pp. 11-17, jun., 2008. Disponível em:<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1677-29702008000100003&script=sci\\_arttext&lng=en](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1677-29702008000100003&script=sci_arttext&lng=en)>. Acesso em: 17 jun. 2013.

MARQUES, Carla Fernandes Ferreira da Costa; ARRUDA, Sérgio Luiz Saboya. Autismo infantil e vínculo terapêutico. **Estudos de psicologia**. Campinas, vol. 24, nº1, pp. 115-124, jan./mar., 2007. Disponível em:<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-166X2007000100013](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2007000100013)>. Acesso em: 04 jun. 2013.

MARQUES, Cristiane Reberte; GOMES, Isabel Cristina. A mudança do setting terapêutico como modelo facilitador para promover a estabilidade do vínculo frente às modificações do contexto familiar. **Revista SPAGESP**, São Paulo, vol.7, nº.2, pp. 11-17, dez., 2006. Disponível em:<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-29702006000200003](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702006000200003)>. Acesso em: 22 abr. 2013.

MATTAR, Cristine Monteiro. Três perspectivas em psicoterapia infantil: existencial, não diretiva e Gestalt-terapia. **Contextos Clínicos**. Leopoldo, vol.3, nº.2, pp. 76-87, dez., 2010. Disponível em:<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1983-34822010000200001&script=sci\\_arttext](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1983-34822010000200001&script=sci_arttext)>. Acesso em: 03 nov. 2013.

MELO, Márcia H. S; SILVARES, Edwiges F. M. Grupo cognitivo-comportamental com famílias de crianças com déficits em habilidades sociais e acadêmicas. **Temas em Psicologia**. São Paulo, vol.11, nº.2, pp. 122-133, dez., 2003. Disponível em:<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1413-389X2003000200006&script=sci\\_arttext](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1413-389X2003000200006&script=sci_arttext)>. Acesso em: 22 abr. 2013.

MENEZES, Marina; LÓPEZ, Mariana; DELVAN, Josiane da Silva. Psicoterapia de criança com alopecia areata universal: desenvolvendo a resiliência. **Paidéia**, Ribeirão Preto, vol.20, nº.46, pp. 261-267, ago., 2010. Disponível em:<[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-863X2010000200013&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-863X2010000200013&script=sci_arttext)>. Acesso em: 03 nov. 2013.

MONDARDO, Anelise Hauschild; VALENTINA, Dóris Della. Psicoterapia infantil: ilustrando a importância do vínculo materno para o desenvolvimento da criança. **Psicologia reflexão e crítica**, Rio Grande do Sul, vol.11, nº 3, pp. 621-630, 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-79721998000300018&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-79721998000300018&script=sci_arttext)>. Acesso em: 24 jun. 2013.

MOURA, Cynthia Borges de; GROSSI, Renata; HIRATA, Patrícia. Análise funcional como estratégia para a tomada de decisão em psicoterapia infantil. **Estudos de psicologia**. Campinas, vol.26, nº.2, pp. 173-183, jun., 2009. Disponível em:<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1517-55452004000100003&script=sci\\_arttext](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1517-55452004000100003&script=sci_arttext)>. Acesso em: 22 abr. 2013.

MOURA, Cynthia Borges; VENTURELLI, Marlene Bortholazzi. Direcionamentos para a condução do processo terapêutico comportamental com crianças. **Revista brasileira de terapia comportamental e cognitiva**, São Paulo, vol.6, nº.1, pp. 17-30, jun., 2004. Disponível em:<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1517-55452004000100003&script=sci\\_arttext](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1517-55452004000100003&script=sci_arttext)>. Acesso em: 22 abr. 2013.

NUNES, Maria Lúcia Tiellet et al. Crianças em risco: abandono de psicoterapia. **Psico**. Porto Alegre, vol. 40, nº 3, pp. 359-365, jul.-set., 2009. Disponível em:<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/6600>>. Acesso em: 17 jun. 2013.

NUNES, Maria Lucia Tiellet; DEAKIN, Elisabeth Kuhn. Investigação em psicoterapia com crianças: uma revisão. **Revista de psiquiatria do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, vol. 30, nº 1, 2008. Disponível em:<[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-81082008000200003&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-81082008000200003&script=sci_arttext)>. Acesso em: 03 nov. 2013.

OLIVEIRA, Iraní Tomiatto. Critérios de indicação para psicoterapia breve de crianças e pais. **Psicologia: teoria e prática**. São Paulo, vol. 4, nº 1, pp. 39-48, jan.-jun.,

2002. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1516-36872002000100005&script=sci\\_arttext](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1516-36872002000100005&script=sci_arttext)>. Acesso em: 24 jun. 2013.

PASSARELA, C. M.; MENDES, D. D.; MARI, J. J. Revisão sistemática para estudar a eficácia de terapia cognitivo-comportamental para crianças e adolescentes abusadas sexualmente com transtorno de estresse pós-traumático. **Revista de psiquiatria clínica**. São Paulo, vol. 37, nº 2, pp. 60-65, 2010. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1516-36872002000100005&script=sci\\_arttext](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1516-36872002000100005&script=sci_arttext)>. Acesso em: 03 nov. 2013.

PECHBERTY, Bernard; VERAS, Viviane. O debate entre o cuidado e a educação: práticas clínicas atuais. **Estilos da clínica**. Vol. 12, nº 22, pp. 14-25, jun., 2007. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1415-71282007000100002&script=sci\\_arttext](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1415-71282007000100002&script=sci_arttext)>. Acesso em: 03 nov. 2013.

PHEULA, Gabriel Ferreira; ISOLAN, Luciano Rassier. Psicoterapia baseada em evidências em crianças e adolescentes. **Revista de psiquiatria clínica**. São Paulo, vol. 34, nº 2, pp. 74-83, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rpc/v34n2/03.pdf>>. Acesso em: 16 mai. 2013.

PINTO, Elizabeth Batista. Os sintomas psicofuncionais e as consultas terapêuticas pais / bebê. **Estudos de psicologia**. Natal, vol. 9, nº 3, pp. 451-457, set./dez., 2004. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294X2004000300007&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294X2004000300007&script=sci_arttext)>. Acesso em: 17 jun. 2013.

POLETTI, Raquel Conte. Demandas do processo psicodiagnóstico: considerações teóricas e clínicas sobre as vivências das estudantes de psicologia. **Psicologia: ciência e profissão**, Rio Grande do Sul, vol. 23, nº 3, pp. 2-9, 2003. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1414-98932003000300002&script=sci\\_arttext&tlng=en](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1414-98932003000300002&script=sci_arttext&tlng=en)>. Acesso em: 03 nov. 2013.

PRAZERES, Angélica Marques; SOUZA, Wanderson Fernandes; FONTENELLE, Leonardo F. Terapias de base cognitivo-comportamental do transtorno obsessivo-compulsivo: revisão sistemática da última década. **Revista Brasileira de Psiquiatria**. Rio de Janeiro, vol. 29, nº 3, pp. 262-270, set., 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbp/nahead/2420.pdf>>. Acesso em: 03 nov. 2013.

PREBIANCHI, Helena Bazanelli. Atenção psicológica infantil: compreensão de usuários e estagiários do serviço-escola. **Psicologia em revista**. (Belo Horizonte), Belo Horizonte, v. 17, n. 2, ago. 2011. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-11682011000200011](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682011000200011)>. Acesso em: 21 out. 2013.

\_\_\_\_\_. Orientação de pais no processo de psicoterapia infantil de grupo. **Psicologia em revista**. Belo Horizonte, vol.17, nº.1, pp. 135-145, abr., 2011. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-11682011000100010](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682011000100010)>. Acesso em: 22 abr. 2013.

ROSA, Helena Rinaldi. Validade do desenho da figura humana na avaliação de Goodenough-Harris e nos indicadores maturacionais de Koppits em crianças da cidade de São Paulo. **Boletim de psicologia**. São Paulo, vol. 58, n° 128, pp. 001-014, jan.-jun., 2008. Disponível em:<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0006-59432008000100002&lng=pt&nrm](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432008000100002&lng=pt&nrm)>. Acesso em: 03 nov. 2013.

SANT'ANNA, Paulo Afrânio; BAIMA, Ana Paula da Silva. Indicadores clínicos em psicoterapia com mulheres vítimas de abuso sexual. **Psicologia ciência e profissão**. São Paulo, vol. 28, n°4, pp. 728-741, dez., 2008. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v28n4/v28n4a06.pdf>>. Acesso em: 04 jun. 2013.

SEI, Maíra Bonafé; SOUZA, Carolina Grespan Pereira; ARRUDA, Sérgio Luiz Saboya. O sintoma da criança e a dinâmica familiar: orientação de pais na psicoterapia infantil. **Vínculo**. São Paulo, vol.5, n°2, pp. 194-207, dez., 2008. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1806-24902008000200009&script=sci\\_arttext](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1806-24902008000200009&script=sci_arttext)>. Acesso em: 22 abr. 2013.

SERENO, Deborah. Acompanhamento terapêutico e educação inclusiva. **Psyche**. São Paulo, vol. 10, n°18, pp. 167-179, set., 2006. Disponível em:<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-11382006000200016](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382006000200016)>. Acesso em: 24 jun. 2013.

SILVA, Antônio Ricardo Rodrigues. Autismo na criança e seu impacto sobre a família. **Pediatria moderna**, vol. 36, n° 7, pp. 474-479, jul., 2000. Disponível em:<[http://www.moreirajr.com.br/revistas.asp?fase=r003&id\\_materia=482](http://www.moreirajr.com.br/revistas.asp?fase=r003&id_materia=482) >. Acesso em: 03 nov. 2013.

SILVARES, Edwiges F. M; SOUZA, Carmen Lucia. Prevenção e tratamento comportamental dos problemas de eliminação na infância. **Temas em psicologia**. São Paulo, vol.9, n°2, pp. 99-111, agosto, 2001. Disponível em:<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X2001000200003](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2001000200003)>. Acesso em: 22 abr. 2013.

\_\_\_\_\_. Invertendo o caminho tradicional do atendimento psicológico numa clínica-escola brasileira. **Estudos de psicologia**, Natal, vol.5, n°1, pp. 149-180, jun., 2000. Disponível em:<[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294X2000000100008&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294X2000000100008&script=sci_arttext)>. Acesso em: 30 abr. 2013.

\_\_\_\_\_. Terapia comportamental com famílias de crianças agressivas: por que, como e quando? **Paidéia**, Ribeirão Preto, vol. 10, n°19, pp. 24-32, ago./dez., 2000. Disponível em:<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-863X2000000200004&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2000000200004&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt)>. Acesso em: 03 nov. 2013.

SILVEIRA, Jocelaine Martins; SILVARES, Edwiges Ferreira de Mattos. Condução de atividades lúdicas no contexto terapêutico: um programa de treino de terapeutas comportamentais infantis. In: BRANDÃO, Maria Zilah da Silva et. al. (org) **Sobre**



**Comportamento e Cognição.** 1 ed. Santo André, SP: ESEtec, 2003. V.11, pág. 260 – 281.

SIMÕES, Ana Lúcia de Assis. Significado da terapia de grupo para crianças autistas: percepção das mães. **Ciência cuidado e saúde.** Vol. 9, nº 2, pp. 278-284, abr.-jun., 2010. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/CiencCuidSaude/article/view/8844>>. Acesso em: 03 nov. 2013.

SOARES, Maria Rita Zoéga; BOMTEMPO, Edda. A criança hospitalizada: análise de um programa de atividades preparatórias para o procedimento. **Revista Estudos de psicologia.** Campinas, vol. 21, nº 1, pp. 53-64, jan.-abr. 2004. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-166X2004000100005&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-166X2004000100005&script=sci_arttext)>. Acesso em: 20 mai. 2013.

SOUZA, Carolina Grespan Pereira; SEI, Maíra Bonafé; ARRUDA, Sergio Luiz Saboya. Reflexões sobre a relação mãe-filho e doenças psicossomáticas: Um estudo teórico-clínico sobre psoríase infantil. **Boletim de psicologia.** Campinas, vol. 60, nº 132, pp. 45-59, jun., 2010. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/bolpsi/v60n132/v60n132a05.pdf>>. Acesso em: 04 jun. 2013.

TAMANAHA, Ana Carina; PERISSINOTO, Jacy; CHIARI, Brasília Maria. Evolução da criança autista a partir da resposta materna ao autismo. **Revista de Atualização Científica.** São Paulo, vol. 20, nº 3, pp. 165-170, jul.-set., 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-56872008000300005](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-56872008000300005)>. Acesso em: 16 mai. 2013.

VIZZOTTO, Marília Martins. A psicologia e a psiquiatria perdem um de seus maiores expoentes: uma homenagem ao Dr. Mauricio Knobel. **Estudos de psicologia.** Campinas, vol. 25, nº 1, pp. 151-155, jan.-mar., 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-166X2008000100015&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-166X2008000100015&script=sci_arttext)>. Acesso em: 17 jun. 2013.

WIETHAN, Fernanda Marafiga; SOUZA, Ana Paula Ramos; KLINGER, Ellen Fernanda. Abordagem terapêutica grupal com mães de crianças portadoras de distúrbios de linguagem. **Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia.** Santa Maria, vol. 15, nº3, pp. 442-451, 2010. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-80342010000300021&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-80342010000300021&script=sci_arttext)>. Acesso em: 03 nov. 2013.

XAVIER, Ione Aparecida. Psicoterapia breve familiar em casos de famílias em situação de violência. **Revista SPAGESP.** São Paulo, vol. 8, nº 1, jun., 2007. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-29702007000100007&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702007000100007&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt)>. Acesso em: 17 jun. 2013.